

***Eros in Vivo* – texto apoio para o VI Encontro TD**
Eros e a Contemporaneidade

A DESEROTIZAÇÃO DO MUNDO

Neste nosso sexto e último encontro, questões que dizem respeito a cada um de nós serão levantadas e, uma das mais sérias, se refere à configuração das relações humanas na contemporaneidade. Como estamos lidando com a força fundamental que liga todos os seres e todas as coisas — o Eros Primordial, o originário, a força cósmica de fecundação? E com Eros Teogônico, o descendente, o que veio depois e flecha deuses e mortais que sucumbem ao seu poder sem resistência, o que une os seres, como vimos acontecer com a heroína Psiquê? Será que seremos capazes de concretizar os trabalhos que Psiquê precisou executar para conseguir realizar seu destino? Ela percorreu caminhos singulares e solitários, cumprindo os desígnios de Afrodite, manifestando seu inconsciente individual e coletivo, realizando a verdadeira união interior e mantendo-se fiel a Eros e a si mesma. Viver em relação é um exercício permanente de “executar trabalhos”, que apresentam sempre situações de oposição que precisam ser levadas em conta e, mesmo assim, permanecer inteiro, fiel, como aquele que tendo fé, se joga no aberto e se lança para a vida, como fez Psiquê.

Nossas relações nos conectam genuinamente ao mundo, aos outros seres, à Natureza? Ou somos seres separados e infieis, como vimos acontecer com Tristão e Isolda que precisaram de uma vida inteira para compreender e acessar o caminho da união cósmica entre interior e exterior que só encontraram depois da morte? A fidelidade a Eros, como aquele que liga, que cria laços, é uma fidelidade a quem? Ao outro que nos ama, ao social que nos sustenta, à nos mesmos e à nossa alma ou ainda, à união cósmica entre a nossa interioridade e exterioridade?

E hoje, como se configura o Eros? Como ele vive em nós no século XXI? Talvez possamos considerar que sendo moderno, contemporâneo, ele deve reivindicar e vivenciar o superlativo, o *over*, os excessos, o prazer extremo e o êxtase físico e material. Vivemos atualmente em sociedades que valorizam a exterioridade: o poder, o dinheiro, o mercado, a moda, os meios de comunicação, as redes sociais, os dispositivos tecnológicos que facilitam cada dia mais a vida diária, mas que dificultam cada vez mais o contato com os outros, inibem os laços que formamos, prejudicando a preservação da nossa interioridade e o exercício da contemplação.

O que é, então, ser contemporâneo? É ser descolado, usar bem a técnica, ou aceitá-la sem criticar o que ela nos proporciona, e não viver sem ela? É sermos seduzidos irremediavelmente por ela? Será que usamos o dinheiro com o respeito devido? Perguntas como estas, hoje, são essenciais e, mais ainda, a forma como iremos respondê-las forjará como se darão as relações com os objetos, de como nos relacionaremos com os demais seres e de como nos ligaremos a eles. A Terra está se reconfigurando a partir das respostas que já estamos dando a elas.

Como vivemos hoje? O que nos atrai? O que nos distrai? Estas são perguntas que, se respondidas, dirão muito sobre quem somos nós. E nestes últimos vinte anos muitas mudanças, principalmente tecnológicas, aconteceram no mundo que transformaram nossas vidas no planeta. Esse processo, segundo Giovanni Sartori [2005], tem numerosas ramificações – a multimídia da *internet*, os computadores pessoais, o ciberespaço, *smartphones*, *tablets* e redes sociais – que se caracterizam por um denominador comum: o **tele-ver** e como consequência o **vídeo-viver**. A tela em que vemos o mundo, as coisas e a nós mesmos transformou o *homo sapiens*, produto da cultura da escrita, em *homo videns* para o qual a palavra foi destronada pela imagem. Isto significa que o ser humano é mais um vidente que um homem simbólico porque estabeleceu a primazia do ver sobre o falar no sentido de que ouvir a voz daquele que fala passou a ser secundário: o diálogo é com a tela, mesmo que tenha alguém por trás dela. Vide o *WhatsApp*. E culpamos a técnica...

Mas afinal, o que é a técnica? A quem ela serve? Qual é a sua essência? Não devemos confundir técnica com instrumentos técnicos, pois a essência de alguma coisa é aquilo que ela é. Pertence a ela a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, bem como lhe pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que servem. O conjunto de tudo isto é a técnica, nos diz Heidegger. Isto sempre existiu, pois, o homem é um produtor que cria objetos ou para suprir necessidades concretas ou para fazer arte: é a *poiesis*. A palavra para definir as duas atividades é a mesma: *techné*. A técnica nesse sentido do fazer refere-se a um desvelamento de algo que não era e passa a ser, descobre-se algo quando se fabrica algo, seja um sapato, uma máquina, um quadro, uma música, uma poesia. Portanto, não é na essência da técnica que está o perigo, mas de como ela se apropria de nós, de como ela toma um lugar impróprio desalojando o homem da sua morada. Hoje ele não encontra mais lugar em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com sua essência.

O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca e ex-plora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela exploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência existir no espaço de um apelo e por isso *nunca* pode encontrar-se, apenas, consigo mesmo. [Heidegger, 2010]

E como está esse encontro do ser com o Eros hoje? Percebemos este se manifestando no mundo de forma mais liberada: temos mais liberdade de expressar sentimentos e jeitos de ser, manifestar gêneros, escolher parceiros do mesmo sexo, escolher casar ou permanecer solteiro, por exemplo. Somos mais livres, mais felizes e realizados por isso?

No passado tantas escolhas seriam inconcebíveis, pois o controle social, através dos costumes, era muito mais rígido. O puritanismo excessivo reprimia a força vital, a energia da vida, o Eros que, não conseguindo se manifestar, gerava uma carga energética maior que se rompia e vazava de uma forma violenta e patológica. Vide a histeria das mulheres que Freud tratou e de como ele criou toda uma

teoria sobre a libido e a inibição que não cabe aqui discutir. Por outro lado, hoje vemos o pêndulo ir para outra direção e o que percebemos é a energia reprimida se manifestar agora por uma exacerbação do Eros: usamos essa liberdade que conquistamos para desgastar tudo que ganhamos, para ir além de todos os limites, para exaurir os bens da Natureza, para consumir indiscriminadamente tudo, inclusive sexo e afeto. Somos mais livres, mais felizes e realizados? Onde está a patologia?

A vida é regida arquetipicamente por dois deuses, Apolo e Dionísio, que geram 2 modos de ser que vivem concomitantemente dentro de cada um de nós:

- ✓ **o modo apolíneo** que se traduz por luminoso, claro, dentro da medida, equilibrado, belo, harmonioso, racional, sereno, virtuoso, o que se satisfaz com a razão, a medida;
- ✓ **o modo dionisíaco**, que por sua vez se traduz por escuridão, profundezas, desmedido, errante, trágico, destroçado, dilacerado, instintivo, o que se satisfaz com o desfrute, a paixão, o deleite.

Esses dois modos arquetípicos de ser, por sua vez, se ligam a um terceiro, Eros, que cria laços e que une e liga os seres. Se exagerar em Apolo fico rígido, cheio de obrigações e renúncias, não existe gozo, alegria, sentimentos, sensações, paixão, coração: Eros morre. Se exagerar em Dionísio, o excesso de paixão, do gozo, a exacerbação do instinto, da exterioridade, do uso do corpo e do que é material pode levar à corrupção e à morte de Eros.

Somos Apolo e Dionísio, somos luminosos e racionais, mas somos também errantes e trágicos, vivemos no claro e dentro da medida, mas vivemos nas profundezas e somos destroçados e o que liga tudo isso é Eros, o que cria laços, o que une as coisas, o que une os níveis, o que une os seres, o que flecha os corações, o que nos liberta, o que nos ajuda a essencializar ...